

Sarney acusa o MDB de irrealista

O presidente da Arena, senador José Sarney que viajou ontem para São Luis, onde ficará durante os dias de carnaval, disse antes de embarcar que o MDB não tem desempenhado o papel que o momento brasileiro está a exigir, assumindo o que ele define como «uma posição irrealista».

Acredita entretanto em bons resultados para os diálogos que ele pretende promover com as lideranças oposicionistas, até mesmo porque «o Brasil — acentua — é uma nação com vocação para o diálogo, com tendência para a negociação e para o exercício das decisões nascidas de um balanço de interesses».

UNIAO

Dedicado quase exclusivamente ao exame do quadro partidário no país desde que assumiu a presidência da Arena, o senador José Sarney está convencido de que «é hora de abandonar os secretários e cuidar — partido do governo e oposição unidos — da elaboração de esquemas que atendam à vontade brasileira de romper a crosta do atraso econômico e político».

Ele entende que a oposição é um instrumento necessário «porque evita erros, fornece sugestões, abre caminhos, descobre atalhos e consegue tornar suas teses vitoriosas através de avanços contínuos, mas apresenta reparos à atuação do partido oposicionista no Brasil, nos dias que correm.

— Como vê a ação do MDB no momento?

— «Um balanço da conduta da oposição brasileira nestes anos — respondeu o presidente da Arena — aponta sua incapacidade para atingir o que deveria ser o seu objetivo. E' que sua ação, em vez de traumatizar o ambiente, tem acirradas posições; em vez de diminuir tensões, as tem intensificado. Todos esperávamos que seu objetivo fosse ajudar a distensão, porém realmente o que houve foi uma ajuda à sua postergação.

«Ora, é justamente essa atitude que considero irrealista e é ela justamente que tem evitado que os avanços no sentido da normalidade institucional sejam permanentes. A oposição não tem se manifestado por um trabalho persistente, contínuo, de sacrifício, de transferências e de afirmações no sentido de, junto, tecermos o difícil tecido das instituições, processo penoso, lento por natureza, mas por isso mesmo duradouro por essência. Sua conduta não tem sido, em nenhum instante, cooperativa. Ela espera que, pela decomposição, o poder caia. E sobre seus escombros, seja construído o que?»

EQUILIBRIO

Como idealiza uma oposição a um governo de exceção?

«Quando a opção no Brasil, depois da revolução de 1964, foi por uma sociedade pluralista, moderna e aberta, a importância de uma oposição analítica passou a ser fundamental para o equilíbrio do sistema. O governo tem os seus mecanismos de análise, de autocrítica, mas estes são no âmbito interno e portanto fogem à luz do debate. Os mecanismos públicos de crítica, de análise, de revisão, numa sociedade democrática, basicamente repousam numa oposição que assegure a discussão e correção dos modelos colocados em execução.

«Quando ela não existe, a decisão autoritária, fica mais autoritária e estabelece um ciclo vicioso que mais favorece o erro, porque os erros não têm condições de ser dissecados ou discutidos. O erro é apenas o alvo de objurgatórias e formulações caricatas, e não uma deficiência a corrigir ou uma etapa ser eliminada. Essa função jamais pode ser do governo ou do partido do governo, porque ambos têm a sua verdade e todos sabemos que, em matéria de assunto público, uma só verdade é apenas meia-verdade. Ela se completa com uma visão de todos os ângulos da questão.

Observa o senador José Sarney que «o fogo cerrado da oposição brasileira concentra-se no problema institucional» e que «esse é um terreno onde as árvores que crescem são as essências da paixão e os frutos que têm caído não se destinam a deitar sementes, mas a planatar grandes áreas de negação».

«Esta visão passional — adianta — tem tirado aos críticos do regime brasileiro uma parcela de racionalidade, uma perda cada vez maior da visão dos fatos, entregando-se eles a uma posição negativista que nada tem construído».

— Acredita em bons resultados para o diálogo a que se propõe com os dirigentes da oposição brasileira?

«Se não acreditasse, não me proporia ao diálogo. Os hiatos autoritários em nossa história têm sido sempre registrados como medidas profiláticas e nunca soluções mágicas, para perpetuação da excepcionalidade. É bom repetir que nunca fomos nem seguimos exemplos de nação de caudilhos, nem de Forças Armadas aristocráticas e messiânicas, nem do embaçamento filosófico da força como diretriz de governo. A mistura desses nossos sentimentos faz do Brasil uma nação com uma vocação para o diálogo, com a tendência para a negociação, para o exercício de decisões nascidas de um balanço de interesses amplos da sociedade, e não de posições grupais.